

RESENHA:

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. CARVALHO, José Ricardo. ARAÚJO, Mairce da Silva (org). *Leitura e escrita na escola e na formação docente: experiências, políticas e práticas*. Curitiba: CRV, 2016, p.338.

Jacqueline Martins da Silvaⁱ

[...] uma coisa que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. (Clarice Lispector)ⁱⁱ

Dedico essas primeiras linhas à tessitura da epígrafe acima e a realização desta obra. Fruto do compromisso político, da persistência e da resistência de professores comprometidos com a formação humana e educação pública de qualidade, o livro “*Leitura e escrita na escola e na formação docente: experiências, políticas e práticas*” torna-se real mesmo diante dos muitos “apesar de”. Apesar dos tempos sombrios que temos vivido no cenário político, econômico e social, da falta de financiamento, da complexidade da relação universidade-escola e da temática da obra, o livro nasce como prova que, apesar de, é possível resistir, refletir, compartilhar saberes e práticas, somar forças, tornar as dificuldades e os entraves menores, multiplicar experiências e dividir certezas e dúvidas que nos *empurram para frente*.

Apesar de, ousou-se sonhar e tentar compreender os caminhos, os processos e os desafios da formação docente e da apropriação e produção da leitura e da escrita. Apesar de, superou-se os obstáculos a fim de buscar pela interlocução com a universidade e o cotidiano escolar como espaços profícuos para a construção de conhecimentos significativos. Apesar de, houve investimento dos organizadores para que fossemos presenteados com textos reflexivos e inspiradores.

A obra, organizada pelos professores Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes, José Ricardo Carvalho e Mairce da Silva Araújo, é composta por 17 artigos, distribuídos em 3 eixos temáticos, que abordam sobre a leitura e a escrita na escola, na formação docente e nas práticas desenvolvidas no cotidiano escolar. Reflexões, experiências, políticas e práticas inspiram a composição dos textos, instigam o leitor a tecer contrapalavras e a interagir com diálogos entre questões teóricas e práticas que permeiam o ensinar a ler, escrever e o formar-se professor.

Na apresentação do livro, os organizadores explicitam que a escolha dos temas – leitura, escrita e formação docente – é resultado do desejo que possuíam de trazer ao debate assuntos que além de se constituírem como desafios, integram suas vidas por meio de “projetos de pesquisa e ações extensionistas”



(p. 5). Além disso, os idealizadores destacam que “ensinar e aprender a ler e escrever não são questões resolvidas em país algum de nosso continente” (p. 5) e por isso desafiam e inquietam, sobretudo, os países da América Latina. Ressaltam, portanto, que a coletânea é composta por polifonia de vozes que, de modo dialógico, busca contribuir para o campo da educação, da leitura, escrita e da formação docente. Com vista a legitimar narrativas que rompem com a lógica do fracasso, o livro resulta do compromisso coletivo de professores brasileiros e mexicanos. Nesta seção, os artigos são apresentados de forma detalhada, permitindo ao leitor adentrar nas nuances de cada texto.

O 1º eixo do livro, *Leitura e escrita na escola*, é formado por textos que discutem sobre os processos de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita no contexto escolar. Esta parte do livro é composta por cinco textos que de maneira distinta privilegiam assuntos em comum. As ricas produções perpassam desde discussões sobre alfabetização na perspectiva da autoria discente e docente, a escrita como experiência, os processos de formação do sujeito-leitor com e a partir das rodas de conversa e da leitura de histórias, o desenvolvimento de planejamentos e propostas pedagógicas que tenham a participação dos alunos, a fim de envolvê-los na construção da escola e reconhecê-los como protagonistas do processo de aprendizagem, as contribuições sobre o brincar como potência formativa, indagações a respeito dos movimentos que envolvem a alfabetização e os processos de leitura e escrita, até a focalização na busca por diálogos mais interculturais no seio da escola.

O primeiro texto, “*É assim: quando eu brinco de escrever, escrever é brincar*” as crianças e o seu *linguagear*, de Carmen Lucia Vidal Perez e Monica Ledo Silvestri, suscita olhares atentos para o quanto é importante dialogar com os saberes das crianças, além de discutir e partilhar com elas o modo como interagem e se veem no mundo. Desenvolve-se abrangendo o *linguagear* das crianças (narrativas) e o diálogo com autores que ajudam a referendar as reflexões trazidas. Além disso, tece críticas à pedagogia moderna que além de não ouvir as palavras das crianças, as insere “no mundo adulto a partir de práticas disciplinares fundadas em relação de poder, coerção e dominação” (p.21). Destaca, sobretudo, a alfabetização como movimento dinâmico de construção coletiva, de intercâmbio de saberes e fazeres. Nesse sentido, de acordo com o texto, a criança, sujeito central do processo de ensino-aprendizagem, narra experiências, compartilha saberes e descobertas na e pela leitura, experimenta a escrita e explora as linguagens.

O leitor que tiver interesse em conhecer como uma escola pública brasileira passou a organizar os espaços coletivos, tempos e planejamentos, a fim de contemplar a implementação da educação integral, não pode deixar de ler o segundo texto, *Entre múltiplas alfabetizações, práticas alfabetizadoras e reflexões docentes*, de Maria Fernanda Pereira Buciano, Guilherme do Val Toledo Prado e Ítala Nair Tomei Rizzo. Nele, os autores compartilham as experiências vividas no movimento de organização e planejamento do processo pedagógico e do cotidiano escolar. Pontuam o desafio que há na busca por romper com posturas

que reforçam a lógica de práticas fragmentadas e sem sentido para os alunos, visto que são ações elaboradas para eles e não com eles. Ouvir o outro, reconhecendo-o em sua alteridade, pensar a escola coletivamente e dialogicidade como prática alfabetizadora constituem outras reflexões no texto.

Movimentos de aprender e ensinar no cotidiano escolar da educação infantil, de Cristiana Callai, é o título do terceiro texto, que traz à baila a leitura de histórias como parte da rotina e o reconto como possibilidade para fazer novas apropriações, compartilhar saberes e interagir com os colegas e a história. Discute a respeito dos movimentos de aprender e ensinar como ações inerentes ao brincar, possibilitando criações e reinvenções. Para a autora, ao recontar uma história, as crianças constituem experiências com a leitura, indicando “diferentes modos de ser e estar no mundo.” (p. 64). Nesse sentido, olha-se para a criança em suas singularidades e necessidades, e não apenas como aluno que deve aprender algo. Callai defende o brincar e o aprender como movimentos interligados e prenes de sentido. Busca refletir sobre práticas escolares que não dão visibilidade às crianças e suas linguagens infantis, não é perguntado a elas o que pensam ou o que gostariam de aprender, pois o objetivo é impor cronogramas, materiais pedagógicos, planejamentos e organização de tempos e espaços.

O quarto texto, *La alfabetización inicial: de la risa a la prisa*, de Angélica Jiménez Robles, já traz em seu título uma provocação a fim de refletir sobre assuntos ligados à alfabetização inicial. A partir de indagações, a autora, ao longo do texto, discute sobre os processos de leitura e escrita na alfabetização que acabam por retirar o riso e o prazer das crianças. Além disso, busca ancorar seus pensamentos em autores, como: Alberto Manguel, Roger Chartier, Paulo Freire e outros, conduzindo o leitor a pensar que aprender e ensinar junto/com o outro, sem cerceá-lo ou excluí-lo do processo, ainda se constitui como desafio para a educação.

O quinto texto, *Diálogos interculturais escola/comunidade: repercussões no processo de alfabetização das crianças das classes populares*, de Mairce da Silva Araújo e Nádia Cristina de Lima Rodrigues, elege como epígrafe um poema de Eduardo Galeano, que poeticamente aborda sobre os excluídos sociais e denuncia a necessidade de romper com a lógica da cultura da classe dominante, a fim de reconhecer e legitimar a diversidade cultural. A discussão no texto busca, portanto, entrecruzar as questões que permeiam as práticas alfabetizadoras com as concepções de mundo, de homem e de sociedade. Nele, o leitor encontrará preciosas contribuições no tocante à concepção e práticas de alfabetização que reconhecem os sujeitos como “produtores de cultura” (p. 97) e a escola como lugar em potencial para diálogos interculturais.

O 2º eixo do livro, *Leitura e escrita na formação docente*, tem como foco abordar os processos de formação docente mediados pela leitura e escrita. Os sete artigos que compõem esta seção, respeitando as particularidades inerentes a cada texto, apontam para a formação inicial e continuada de professores que respeite as subjetividades, a escuta e o diálogo, visando conhecer e compreender os processos formativos e

as experiências. Defendem ações formativas que no encontro com a leitura, escrita e narrativas de professores produzam (trans)formações no fazer docente e no espaço escolar.

O sexto texto, *As narrativas de si e os ateliês biográficos: ressignificando os sentidos da alfabetização em ambientes (auto)formativos*, de Eliane Greice Davanço Nogueira e Sandra Novais Sousa, objetivamente já traz em seu título a defesa que fazem pela abordagem biográfica como instrumento de formação e pesquisa. O texto propõe, a partir da narrativa de professoras, “dar vez e voz aos atores da prática educativa, muitas vezes silenciados” (p.113), além de investigar uma proposta de formação de professores implementada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul e o impacto desta nas práticas pedagógicas referentes à alfabetização inicial. Neste texto, aqueles que investigam e se interessam por pesquisas que utilizam instrumentos biográficos podem contar com narrativas docentes, reflexão crítica e arcabouço teórico que corroboram para a compreensão da pesquisa (auto)biográfica, da prática docente e de processos formativos.

Sob a lógica bakhtiniana do diálogo, o leitor encontrará no sétimo texto, *Formação como movimento alteritário*, de Marisol Barenco de Mello e Jader Janer Moreira Lopes, a busca por discutir formação pelo viés amoroso e dos interdiscursos. Nesse sentido, a ideia a ser discutida não é “da formação de professores como uma categoria, genérica e abstrata da qual se possa falar como tendência ou como perspectiva, mas da formação humana...” (p. 137). Autores como Bakhtin e Vygotsky perpassam o texto com fundamentos que ajudam o leitor no entendimento da necessidade de “construção de uma escola amorosa, produtiva, formativa e alteritária”. (p. 138). Neste texto, à luz de Bakhtin, temos a oportunidade de contemplar a defesa por uma arquitetura concreta da formação humana e a compreender o amor como categoria ética, como escuta atenta e dialógica com o outro.

O oitavo texto, *Escrita na formação inicial: partilha e atenção ao outro*, de Laura Noemi Chaluh, estrutura-se a partir de narrativas discentes que, sobretudo, sinalizam o quão é valiosa a prática da escrita. Intenciona-se mostrar a importância da escrita por meio de projetos realizados em instâncias formativas distintas. Resgata-se, a partir disso, o papel formativo da escrita no aspecto individual e grupal. O texto destaca a experiência do projeto de escrita de cartas como possibilidade de organizar os discursos dos alunos, de reviver o passado e ressignificar o vivido, dando-lhe outros sentidos. A prática da escrita no contexto da formação inicial de professores é o foco deste artigo, possibilitando ao leitor refletir sobre essa prática tanto para compartilhar palavras quanto para olhar atentamente ao outro e a si mesmo.

O processo de formação continuada do professor alfabetizador é o tema central do texto *Alfabetização na teia da significação em formação de professores*, de Iara Maria Campelo Lima. Valendo-se da metáfora da teia, com seus simbolismos no tocante ao entrelaçamento dos sentidos, saberes, dizeres e fazeres vividos e constituídos no processo de formação continuada de professores, o artigo busca entremear o caminho epistemológico da pesquisa que inspira o texto, a articulação da escrita narrativa com

a formação do professor alfabetizador e a ressignificação conceitual da alfabetização. Leitores interessados em compreender a perspectiva metodológica da pesquisa formação, assim como o potencial (auto)formativo e de (trans)formação existente na escrita narrativa dos professores, não podem deixar de ler este texto.

O leitor desejoso em conhecer experiências que envolvem a leitura e a escrita como produções significativas tanto para alunos quanto para professores, não pode abster-se de ler *Hablar, leer, escribir, sentir, imaginar. La necesidad de crear una narrativa desde la cultura escrita y el ser maestra/o em procesos de formación docente*, de Jorge Alberto Chona Portillo. O texto propõe que os professores sintam prazer no que fazem, sobretudo, com a leitura e a escrita, pois o modo como se relacionam com essas ações pode refletir e refratar na prática docente. Para o autor, encontrar, por meio da literatura, a vontade de conhecer, sentir e imaginar é de suma importância para que se alcance estratégias de ensino que permitam aos outros gera perguntas e viver dialogicamente os seus processos de leitura e escrita. Toda essa tessitura enunciativa se dá sob a lógica das experiências vividas como docente e formador de professores.

Um texto imperdível para o leitor que, sobretudo, se debruce em refletir sobre as políticas de formação de professores/as é *Desafios da leitura e escrita em processos formativos de professores/as das infâncias e de jovens e adultos*, de Maria Tereza Goudard Tavares e Marcia Soares de Alvarenga. As reflexões do artigo abordam experiências formativas com a leitura e a escrita no Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, através da constituição de Cadernos de Formação. As autoras, tecendo fios epistemológico, narrativo e político, levam o leitor a pensar sobre a singularidade e complexidade dos processos formativos e sobre o papel da leitura, escrita e narratividade na formação docente.

No texto intitulado *A experiência da formação para alfabetizar*, de Rosaura Soligo e Guilherme do Val Toledo Prado, há ricas contribuições para os que desejam aprofundar os conhecimentos no tocante à formação do professor alfabetizador, pelo viés experiencial e institucional. Com texto claro e conciso, os autores abordam desafios que são colocados aos professores e reflexões que visam contribuir para a melhoria na qualidade do ensino. Por estarem atentos às questões que envolvem as políticas públicas educacionais e de formação docente, sinalizam que tais ações formativas sejam, sobretudo, “concebidas e planejadas tendo em conta a realidade e os sujeitos concretos para os quais se destinam”. (p.247)

No 3º eixo “Leitura e escrita: outras experiências, políticas e práticas” deparamo-nos com reflexões sobre relações com a leitura e a escrita que dialogam com práticas vividas no chão da escola e com os processos formativos vivenciados pelos professores. Os textos nos ajudam a pensar criticamente sobre as políticas de formações de professores, assim como as ações que acabam por tentar regular o fazer docente e a produção de conhecimentos. No entrelace das narrativas, histórias e pensamentos teóricos, as palavras

(re)configuram os sentidos da leitura e da escrita, formam e transbordam outras experiências, políticas e práticas.

O artigo *Alfabetizar: uma prática pensada*, de Mitsi Pinheiro de Lacerda chama a atenção do leitor para as estruturas formativas direcionadas aos professores alfabetizadores, que ocultam as intencionalidades das propostas, comprometendo-se com a organização única e invariável. O texto é um convite à reflexão sobre outros modos de pensar e conceber a formação continuada de professores alfabetizadores, com propostas que promovam, por meio de relatos escritos, atravessamentos, conhecimentos críticos de projetos formativos e autonomia docente.

O artigo *Professoras alfabetizadoras: sentidos produzidos sobre a implementação de projetos oficiais nas escolas cariocas*, de Jacqueline de Fátima dos Santos Morais e Aline Gomes da Silva, parte de uma pesquisa realizada no contexto educacional da cidade do Rio de Janeiro. Segundo as autoras, as conversas realizadas ao longo da pesquisa contribuíram para que as professoras alfabetizadoras se reconhecessem como protagonistas das histórias e aprendizagens compartilhadas no cotidiano escolar. Inspirado em autores e nas narrativas docentes, o texto convida os leitores a terem olhares atentos e consciência crítica para projetos que adentram os espaços educativos.

O décimo quinto texto, *Alteridade, diferença e singularidade: notas para pensar uma alfabetização como experiência*, de Tiago Ribeiro, Carmen Sanches Sampaio e Ana Paula Venâncio, propõe pensarmos a alfabetização pelo viés da pedagogia da singularidade, comprometida com a alteridade. Por essa perspectiva, a alfabetização é pensada com as crianças e não para elas. Defende-se que haja nos processos de *aprendizagem* o exercício de escuta, de encontro com o outro, percebendo-o como legítimo outro. Interessante o momento do texto quando os autores, ao defenderem a educação e a prática pedagógica como acontecimentos singulares, que promovem afetos e experiências, afirmam que “somos e pensamos a partir de nosso lugar único e irrepitível no mundo, daí que nossa prática seja única e irrepitível no mundo.” (p.298). O artigo é uma excelente oportunidade reflexiva ao leitor interessado numa leitura que provoca outros modos de pensar a alfabetização.

Autoría entre voces, de Sarah Corona Berkin, é o décimo sexto artigo deste livro. O leitor interessado em conhecer um projeto educativo denominado *Entre voces*, desenvolvido entre indígenas mexicanos wixáritari e professores da Universidade de Guadalajara, se deleitará com a leitura. Inspirada em Hanna Arendt, Paulo Freire e outros, a autora aborda a diversidade de vozes, autoria, horizontalidade, diálogo como mediações fundamentais para a construção do projeto e de ações pedagógicas. Como fruto dos processos dialógicos inerentes ao projeto, destaca-se as publicações e materiais didáticos produzidos.

No último texto da coletânea, *A formação do professor leitor-narrador de textos ficcionais em atividades realizadas no projeto PIBID*, José Ricardo Carvalho, traz observações a respeito de aproximações de professores e alunos com práticas de leitura de contos de fadas na sala de aula. Com

análise aprofundada sobre a presença e a importância da cultura oral na vida dos indivíduos, defende a contação de histórias como possibilidade de interlocução entre as práticas sociais desenvolvidas na cultura oral e na cultura escrita. A partir das atividades desenvolvidas no PIBID da Universidade Federal do Sergipe, traz, ainda, as ações de narração com os bolsistas, de reflexão em torno da oralidade e da leitura de diferentes linguagens como contribuição para o fazer docente.

Apesar dos empecilhos, da pedra (ou das pedras) no meio do caminho, como diria o poeta, fomos brindados com esta riquíssima obra. Considero o livro um importante referencial para leitores que, sobretudo, desejam pesquisar, descobrir novos matizes ou conhecer outros olhares para as temáticas abordadas. Com textos reflexivos, inspiradores e questionadores que objetivam, em especial, desconstruir, inquietar e romper com a lógica da homogeneização nos processos de ensino-aprendizagem, da alfabetização e das relações com a leitura e a escrita, o encontro com os textos do livro nos inscreve em novas histórias e experiências. O livro é um convite ao diálogo, reflexão e outros modos de ser e estar no mundo. Sinta-se convidado.

Notas:

ⁱ Doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), especialista em Leitura e Produção de Textos, graduada em Letras, professora da rede pública municipal de educação de Niterói e do Estado do Rio de Janeiro.

ⁱⁱ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.